Brasília, 16 de setembro de 2026

Seleção

Sumário

CNN Brasil Online

Migalhas

EUA e China divergem sobre futuro e controle da inteligência artificial

Enquanto Trump foca na liderança americana, Xi defende cooperação global

No último fim de semana, enquanto o mundo se preocupava com a possibilidade de a inteligência artificial descontrolada dizimar a humanidade, os líderes dos Estados Unidos e da China articularam suas visões para essa tecnologia que definirá a era.

Eles vinham de lados quase opostos do espectro político.

Ignorando os apelos de cientistas e executivos de IA da Anthropic, OpenAI e Google para desacelerar o desenvolvimento, o presidente dos EUA, Donald Trump, disse que o mais importante era manter o país na liderança contra a China na crescente corrida pelas superpotências da IA.

"Estamos liderando a China em IA e, francamente, quero que continue assim, porque quem vence na IA, vence", disse ele no sábado.

No domingo, o líder chinês Xi Jinping fez seu próprio apelo por mais cooperação internacional. Os países devem "incentivar o código aberto, a abertura, a colaboração e o compartilhamento", disse ele em um discurso na Índia para líderes do Sul Global, no qual reiterou uma proposta para um pacto global de governança de IA - embora não tenha dado detalhes sobre como seria essa estrutura.

A justaposição das mensagens de Trump e Xi ressalta a falta de consenso e o profundo déficit de confiança entre as duas superpotências na corrida de alto risco para dominar a IA.

Os EUA parecem estar cada vez mais instrumentalizando seu domínio no setor, considerando-o um ativo estratégico a ser protegido e exportado para países amigos, enquanto a China, ficando para trás na corrida, propõe um modelo mais aberto.

A inteligência artificial terá grande destaque na aguardada cúpula entre Trump e Xi, que acontecerá em duas semanas em Washington. Em seu encontro em maio, em Pequim, os dois discutiram diretrizes para a IA, mas obtiveram resultados limitados. Na semana passada, o Ministério do Comércio da China afirmou que os dois líderes concordaram em estabelecer um diálogo intergovernamental sobre IA. No entanto, dada a ampla rivalidade geopolítica entre eles, especialistas têm poucas expectativas de avanços significativos.

Qual é o tamanho da ameaça representada pela China?

A inteligência artificial chinesa está atrás de seus concorrentes americanos há anos. Isso se deve, em parte, aos controles tecnológicos dos EUA que limitam o acesso das empresas chinesas a processadores de IA avançados - essenciais para o treinamento de modelos de IA cada vez mais complexos.

Mas, no ano passado, a startup chinesa DeepSeek chocou a indústria global com um modelo que se aproximava do desempenho dos principais sistemas americanos, utilizando, segundo a empresa, muito menos recursos computacionais.

Desde então, os laboratórios chineses de IA têm evoluído mais rapidamente, com Alibaba, Z.AI, Minimax e, mais recentemente, Moonshot, revelando modelos igualmente capazes que desafiam o domínio de empresas pioneiras americanas como a Anthropic e a OpenAI.

Paralelamente aos avanços dos modelos chineses, porém, surgiram acusações cada vez mais veementes dos EUA de fraude. Washington, assim como a OpenAI e a Anthropic, alegaram que empresas chinesas roubaram**propriedade intelectual** americana ao treinar seus modelos com base nos resultados de modelos americanos de ponta, um processo conhe-

cido como destilação na indústria.

Na semana passada, agências federais dos EUA, incluindo o FBI, a Agência de Segurança Nacional e a Agência de Segurança Cibernética e de Infraestrutura, alegaram que empresas chinesas de IA estão cometendo roubo em "escala industrial" de suas contrapartes americanas.

Em um extenso relatório divulgado na semana passada, a Anthropic também detalhou tentativas de agentes mal-intencionados, incluindo supostos operadores ligados ao governo chinês, de usar indevidamente seus sistemas para desenvolver armas e realizar vigilância contra minorias como os uigures em Xinjiang.

Em um exemplo, a Anthropic descobriu informações sensíveis sobre tentativas de vigilância chinesas porque consultas de um usuário - supostamente ligado aos militares chineses - enviadas ao modelo Kimi da Moonshot foram redirecionadas para Claude, expondo a tentativa secreta da Moonshot de desviar solicitações de usuários para Claude, segundo o relatório. Outras empresas chinesas, como a DeepSeek, também se envolveram nessa prática, acrescentou.

Pequim rejeitou as alegações, enquanto os laboratórios chineses de IA permaneceram em grande parte em silêncio. A Moonshot se recusou a comentar o relatório à CNN na semana passada, enquanto a DeepSeek não respondeu a um pedido de comentário.

"Disseminar diversas narrativas ameaçadoras, buscar confrontos e competição maliciosa só irá atrapalhar os esforços em prol da governança global da IA ãâe não servirá aos interesses de ninguém", disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Guo Jiakun, na segunda-feira.

"Todas as partes devem trabalhar juntas para promover uma IA que seja aberta, inclusiva, acessível e benéfica para a humanidade", acrescentou.

O que a China está propondo?

Assim como os EUA se sentem cada vez mais ameaçados pelos modelos chineses em rápido avanço, Pequim também está alarmada com as capacidades cibernéticas dos sistemas desenvolvidos por empresas americanas - capacidades que ficaram evidentes neste verão, quando agentes da OpenAI e da Anthropic agiram por conta própria e lançaram ataques não autorizados contra outros sistemas.

Pequim também enxerga os riscos de segurança da IA ãâde forma diferente, indo além da compreensão dos EUA sobre riscos existenciais, como agentes de IA que se tornam descontrolados. Além de priorizar o controle político e a manutenção da estabilidade social, Pequim vê os EUA como uma "ameaça hegemônica" ao seu próprio desenvolvimento da tecnologia.

Em um artigo publicado no domingo, o Ministro da Segurança do Estado, Chen Yixin, destacou os riscos das "práticas hegemônicas" em uma crítica velada aos EUA por "estabelecerem listas de entidades, imporem controles tecnológicos, monopolizarem padrões da indústria e criarem ecossistemas de código fechado" em nome da salvaguarda da segurança nacional.

"Essas ações fragmentam a indústria global de IA e as cadeias de suprimentos, agravando o desequilíbrio de desenvolvimento no setor global de IA", escreveu ele.

Um editorial publicado no tabloide estatal Global Times no fim de semana também desconsiderou o recente ensaio do CEO da Anthropic, Dario Amodei.

"À primeira vista, esta parece ser uma 'declaração racional' focada na segurança global da IA", dizia o editorial. "Uma leitura atenta, no entanto, revela sua agenda oculta: o artigo está repleto de medidas de contenção direcionadas à China e é, em essência, um 'manual da Guerra Fria' para o setor de IA".

Será que as pessoas na China estão preocupadas com a IA?

Embora executivos e pesquisadores de destaque nos EUA tenham tornado públicas suas preocupações sobre os riscos da tecnologia, levantar preocupações semelhantes na China, onde o Partido Comunista Chinês controla rigidamente a mídia e vigia a população, é muito mais difícil e acarreta riscos muito maiores.

O setor tecnológico da China também opera em um ambiente regulatório muito mais verticalizado, com o governo estabelecendo regras abrangentes que regem o que os sistemas de IA podem produzir e como são implementados. Os padrões nacionais de segurança de IA da China, por exemplo, definem requisitos que abrangem dados de treinamento, privacidade, segurança e conteúdo proibido.

Continuação: EUA e China divergem sobre futuro e controle da inteligência artificial

Há também um maior otimismo público em relação à IA na China. Uma pesquisa da Edelman de 2025 revelou que 72% dos entrevistados na China disseram confiar na IA, em comparação com apenas 32% nos EUA.

Embora os laboratórios de IA chineses tenham reduzido rapidamente a diferença em relação aos seus homólogos americanos, ainda estão atrás dos sistemas mais avançados dos EUA. Isso pode diminuir o incentivo para que empresas e pesquisadores chineses limitem voluntariamente o desenvolvimento e a implementação de sistemas de IA cada vez mais capazes, na tentativa de alcançar os americanos.

Será que as duas potências conseguirão chegar a um acordo em matéria de IA?

Não parece haver muitos motivos para otimismo. Apesar de uma trégua comercial alcançada entre os dois países em outubro do ano passado, as tensões continuaram a aumentar.

O principal obstáculo é a confiança. Washington teme que a cooperação possa dar à China acesso a tecnologias que fortaleçam seu poder militar e econômico, enquanto Pequim vê a "segurança nacional" como uma desculpa dos EUA para conter o avanço tecnológico da China.

Uma publicação feita no mês passado pela Yuyuantantian , uma conta de mídia social afiliada à emissora estatal chinesa CCTV, estabeleceu as condições para o diálogo sobre IA entre os EUA e a China, afirmando que Washington deve garantir que suas empresas de IA sigam todas as regras e regulamentos acordados antes que qualquer negociação possa ocorrer.

"É preciso fazer uma distinção clara entre ameaças reais à segurança e mera competição tecnológica", afirmou. "A verdadeira questão não é 'se devemos governar', mas sim quem deve definir os limites de segurança desses modelos de vanguarda".

Deepfakes e propriedade intelectual: Desafios para proteção da imagem

Deepfakes e **propriedade intelectual**: Desafios para a proteção da imagem e da criação artística Paulo Roberto Vigna Quem é o verdadeiro titular de uma criação quando a inteligência artificial reproduz a identidade artística de outra pessoa? terça-feira, 15 de setembro de 2026

Atualizado em 14 de setembro de 2026 15:35

Em 2024, na apelação cível 1119021-41.2023.8.26.0100 o TJ/SP determinou a anulação de uma sentença e a realização de perícia em um caso onde um locutor alegou que sua voz foi replicada por inteligência artificial para uso em publicidade sem sua autorização1. Essa prática é identificada como deepfake, um conteúdo gerado ou manipulado por inteligência artificial que simula, com alto grau de realismo, a aparência, a voz ou o comportamento de uma pessoa real sem seu consentimento.

Nesse contexto, surge uma questão cada vez mais relevante: quem é o verdadeiro titular de uma criação quando a inteligência artificial reproduz a identidade artística de outra pessoa?

Embora o ordenamento jurídico brasileiro ofereça mecanismos de proteção à imagem, à voz e às obras intelectuais, não existe uma legislação específica capaz de disciplinar, de forma abrangente, os conflitos decorrentes da inteligência artificial generativa. Na prática, a solução desses casos exige a aplicação conjunta da Constituição Federal, do CC, da

lei de direitos autorais, do Marco Civil da Internet e, em determinadas situações, da LGPD - Lei Geral de Proteção de Dados.

Além dessas disposições, a tutela de urgência pode ser uma ferramenta eficaz para os casos dessa categoria, considerando a natureza continuada do dano pela circulação contínua do conteúdo, o que pode justificar a concessão liminar sem oitiva da parte contrária. O pedido deve ser munido de evidência técnica da manipulação (laudo pericial ou declaração de especialista) e do dano causado. Apesar da necessidade de parâmetros sólidos quanto a quantificação do dano moral e material em casos de deepfake, a proteção reparatória vem apresentando boa recepção nos tribunais brasileiros.

Para além da proteção reparatória, a prevenção é notadamente eficaz contra os deepfakes. O monitoramento digital através de sistemas de alerta para menções a obras ou a própria imagem em plataformas digitais, além do registro preventivo da imagem e da voz podem ser relevantes como evidências em processos posteriores.

Diante desse cenário, a atuação jurídica deixa de ser apenas reativa e passa a assumir um papel estratégico na prevenção de riscos envolvendo inteligência artificial, direitos da personalidade e **propriedade intelectual**. A elaboração de políticas internas para o uso de IA, a revisão de contratos, a proteção de ativos intelectuais e a adoção de medidas rápidas para cessar violações são instrumentos essenciais para empresas e criadores que desejam preservar seu patrimônio imaterial.

_____

1 SÃO PAULO, Tribunal de Justiça. Apelação Cível nº 1119021-41.2023.8.26.0100. Apelante: Igor Lott Zeger Belkind. Apelado: Associação dos Lojistas do Shopping Anália Franco. Relator: José Carlos Costa Netto. Comarca: São Paulo. Juiz de 1º grau: Camumuru Afonso.

Continuação: Deepfakes e propriedade intelectual: Desafios para proteção da imagem

Paulo Roberto Vigna Sócio fundador do Vigna Advogados Associado.

Vigna Advogados Associados

Índice remissivo de assuntos